

“A ESCOLHA”, DE RONALDO CORREIA DE BRITO: UM ESTUDO SOBRE A PERSONAGEM ALDENORA NOVAES E UMA ABORDAGEM PARA O NÍVEL MÉDIO.

Clislane Ramos de Brito

Universidade Federal de Campina Grande - clislanebrito2411@gmail.com

Orientadora: Paloma do Nascimento Oliveira

Universidade Federal da Paraíba - palomaoliveira03@gmail.com

Resumo: No presente trabalho, analisamos o conto “A Escolha”, de Ronaldo Correia de Brito e estudamos, especificamente, a concepção de personagem. Evidenciamos também uma proposta de abordagem do texto para o nível médio. Tudo isso, na tentativa de mostrarmos que o ensino literário pode ser feito de um modo diferente, fazendo com que o aluno perceba que o conto, na sua essência, é um gênero que proporciona uma reflexão sobre a condição do sujeito na sociedade, objetivando que o aluno veja a beleza singular da literatura, que é tomada dele desde muito cedo através de atividades que destacam questões de decodificação e não trabalham no prisma, aqui, acentuado. Fundamentam o nosso estudo as contribuições teóricas de Beth Brait (2006), que trata a personagem como uma representação daquilo que é verossímil; Gancho (1999), que ao trabalhar com os elementos estruturais da narrativa fala que a personagem é o ser responsável pelo desempenho do enredo; Moisés (2013), que ao definir o termo literário, diz que a personagem funciona como a representação dos seres reais; Candido (2009), quando afirma que a personagem não vive só nos enredos do texto, mas também no imaginário real de cada leitor; Cosson (2006), no tocante a metodologia referente à noção de letramento literário, e, por fim, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006). No trabalho exposto, será possível perceber alguns dos mais recorrentes problemas relacionados ao ensino da literatura no Nível Médio. Como o mau uso do texto literário em sala de aula, em consonância com a falta de interesse do professor no planejamento de aulas que tratam de literatura. Também estabelecemos possibilidades de encontros com problemáticas sociais e personagens sertanejos que trazem no seu eu características e questionamentos internos vivenciados por todos nós. Logo, centramos o resultado alcançado como possibilidades de leitura e interpretação na tentativa de formarmos leitores críticos, a ponto de formularem pensamentos e opiniões concretas.

Palavras-chave: Conto, Personagem, Ensino de Literatura, Nível Médio.

INTRODUÇÃO

Foi na observação do trato dado ao ensino literário nas salas de aula, que sentimos a necessidade de refletimos sobre alternativas metodológicas para o estudo do gênero conto, tudo isso apoiado na experimentação da leitura de “A escolha”, conto do autor nordestino e contemporâneo Ronaldo Correia de Brito. Tal proposta foi cogitada para ser aplicada em uma turma de terceiro ano médio, com a finalidade de marcar as possíveis formas de abordagens mais produtivas para o uso do texto literário. Dessa forma, visamos aproximar o texto da realidade dos alunos, entendendo, deste

modo, umas das funções mais importantes do professor: a de ser coadjuvante na formação de leitores literários.

Em função disso, ao falarmos de textos que trazem temáticas próximas à realidade, rapidamente voltamos os nossos olhares para escritos que expressam, antes de tudo, temas presentes na atualidade e que espelhem os nossos costumes, além de nos fazerem refletir sobre a nossa existência. Por essa razão, julgamos a leitura do conto, já supracitado, altamente acessível em turmas do ensino médio, tanto pela atualidade da obra, quanto pela viabilidade de leitura absoluta do gênero conto no contexto escolar.

Nas demais reflexões, podemos destacar a pluralidade temática existente na narrativa. Dado que, os contos de Brito apresentam um sertão que mantém hábitos considerados tradicionais; porém enredados pela contemporaneidade e a modernidade dos novos tempos. Subsequentemente, deduzimos que o conto “A escolha” traz à tona temas de categorias identitárias, que revelam, antes de tudo, a força da personagem feminina, os sentimentos do sertanejo, tal como os anseios do homem enraizado pelo arcaico, mas que se vê diante da modernidade já anunciada.

O caminho delineado, percorrido na tentativa de elaborarmos uma proposta metodológica com a utilização do conto, se fez através de uma abordagem qualitativa da leitura crítica do texto, sustentada em referências bibliográficas que contemplam os estudos sistemáticos e semânticos do conto contemporâneo, além de uma apreciação detida da personagem, o que nos possibilitou conhecer melhor as personagens principais: Aldenora Novaes, Luís Silibrino e Livino Gonçalves.

Finalmente, expomos assuntos relacionados à escolarização da leitura literária, assim como, apresentamos a proposta de intervenção, tudo isso com o intuito de desvendarmos as indagações e desfazermos os obstáculos que envolvem os mistérios do “ensinar literatura”, mostrando a utilidade, a capacidade e a mobilização do ensino literário dentro do espaço escolar.

1. APRESENTAÇÃO DO CONTO: “A ESCOLHA”

1.1. Breves comentários – O Autor, a Faca e “A escolha”.

Ronaldo Correia de Brito, cearense, nascido na cidade de Saboeiro, no sertão de Inhamuns, em 1950, fez do seu universo sertanejo cenário para as memórias e histórias narradas no livro de contos; pois, a cada narrativa descrita, enxergamos três pilares que marcam a escrita literária de Brito: o sertão, a morte e a força da personagem feminina.

Em “A Escolha”, conto encontrado no livro “Faca”, publicado em 2003, encontramos a representação da mulher sertaneja, abandonada e forte, refletida na personagem feminina Aldenora Novaes. A protagonista da história tem sobre si o peso da escolha; uma decisão que terá que ser

tomada uma hora ou outra, já que Aldenora caminha na dúvida de ter que escolher, entre um casamento por amor com Luís Silibrino ou continuar por “resignação” em um relacionamento com Livino Gonçalves.

Os acontecimentos se passam na pequena cidade de Inhamuns – Sertão do Ceará -, e giram em torno dessas três personagens. Na verdade, toda a narrativa é cortada pela escolha de Aldenora e, por esse motivo, os eventos ocorrem em dois períodos: a primeira e a segunda escolha da protagonista. Na narração, somos “teletransportados” para o passado, o que faz com que entendamos melhor a história, constatando a primeira escolha de Aldenora, feita ainda jovem, quando decidiu ficar com o homem violento, fugindo pela paixão que a consumia. Após dezoito anos¹, Aldenora ainda se vê confusa sentimentalmente e treme na frente desse homem que tenta novamente seduzi-la.

Por isso, falamos tanto sobre as características do conto que é a de trazer na escrita à realidade vivida por nós. Quando nos deparamos com “A Escolha”, não encontramos uma narrativa que gira em torno de um único tema, mas, esbarramos em dilemas sociais vivenciados por diversas mulheres, como: dúvidas, sofrimento, traição e agressões físicas. Em “A escolha”, o autor consegue transfigurar no papel as duas faces constituintes da mulher: o seu ‘íntimo’ que na maioria das vezes fala mais alto, e o seu ‘exterior’ onde quase sempre é deixado de lado.

2. A PERSONAGEM

2.1. A concepção de personagem: ser ambivalente

Em muito do que já foi dito, falamos sobre como o conto se posiciona diante da sociedade e repetimos diversas vezes que esse gênero se veste de certa atualidade e que a contemporaneidade é uma resposta a tantas mudanças. Na verdade, tal hodiernidade é posta ao leitor a partir de certos elementos, escolhidos a dedo pelo próprio autor, para que nos identifiquemos com as ações expostas pela narrativa.

A afinidade entre o leitor e o texto e a analogia feita entre aquilo que é narrado de forma fictícia, mas que não deixa de ser uma representação do real; é uma característica específica da personagem, que segundo Gancho (1999), designa-se como um ser responsável pelo desempenho do enredo.

¹ No desenrolar da narrativa compreendemos melhor o porquê de existir uma segunda escolha, dado o fato que Luís Silibrino, ainda nos primeiros meses do enlace, se cansa da vida de casado e parte para longe daquela cidade, na procura de uma vida melhor no Sul.

A personagem ou o personagem é um ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação. Por mais real que pareça, o personagem é sempre invenção, mesmo quando se constata que determinados personagens são baseados em pessoas reais. (GANCHO, 1999, p.14-18)

Para a autora, a personagem é sempre fictícia, mas seu discurso, quase sempre, pode conter os valores e pensamentos do próprio autor, o que faz com que o texto dialogue com outras esferas linguísticas como a social, a histórica e a ficcional. Logo, não é em vão a fala da autora, já que a personagem provém de um contexto que a abraça, alicerçando, assim, a evolução do enredo.

Beth Brait (2006), ao estudar a personagem, segundo o *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*², lembra de que há dois aspectos fundamentais os quais nos fazem refletir sobre a concepção de personagem:

- O problema da personagem é, antes de tudo, um problema linguístico, pois a personagem não existe fora das palavras;
- As personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção (BRAIT, 2006, p. 11).

Se observarmos, veremos que a maior preocupação está em explicar a questão personagem-pessoa. A autora chama atenção para o fato de que não devemos esquecer que a personagem, por mais que represente pessoas e espelhem fatos e ações do cotidiano, é antes de tudo um ser ficcional que não existe fora da ficção; todavia, é importante salientar que o escritor/a se apropria de fatos vivenciados por pessoas reais, e a depender da sua intenção, utiliza tais acontecimentos como um pano de fundo para dar vida às personagens de ficção. Por esse motivo, Brait (2006), invoca a nossa atenção para a questão da verossimilhança e diz que:

Seria importante, portanto, reler Aristóteles para resgatar o conceito de *verossimilhança, interna da obra*, muito mais importante que imitação do real mal-entendido que marcou uma longa tradição crítica e que até hoje assombra os estudos da personagem. (BRAIT, 2006, p. 30)

Na realidade, a autora apela para o seguinte ponto: o trabalho de seleção dos fatos diante da realidade. Assim como explica o próprio Aristóteles (apud, BRAIT, 2006), quando diz que: “Não é ofício do poeta narrar o que realmente acontece; e sim, representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível, verossímil e necessário.” (BRAIT, 2006, p. 30). Portanto, não cabe à narrativa poética retratar o que já existe, mas entrelaçar as possibilidades de verossimilhança³ e

² Ducrot, Oswald & Todorov, Tzvetan. *Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Paris, Seuil, 1972. p. 286. (apud BRAIT, 2006)

³ Aristóteles (apud BRAIT, 2006) ressalta dois aspectos essenciais para o entendimento da personagem, enquanto criação fictícia: “[...] como reflexo da pessoa humana [...] e, como construção, cuja existência obedece às leis particulares que regem o texto”. (BRAIT, 2006, p. 29).

necessidade à sua escrita. A vista disso, lembramo-nos do que foi dito por Massaud Moises (2013), na investida de definir o termo literário, ao exprimir que a personagem se constitui no interior da prosa literária, não como uma substituição do que já existe; mas, sim, atuando como certa representação dos seres reais:

Designa, no interior da prosa literária (conto, novela e romance) e do teatro, os seres fictícios construídos à imagem e semelhança dos seres humanos: se estes são pessoas reais, aqueles são “pessoas” imaginárias, se os primeiros habitam o mundo que nos cerca, os outros movem-se no espaço arquitetado pela fantasia do prosador. (MOISÉS, 2013, p. 358-359)

Rosenfeld (2009, p. 45), diz que o ser humano se encontra integrado a um “imenso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social”. Isso explica as reações sentidas pelo interlocutor ao ver os personagens representando ações verossímeis que se aproximam da nossa realidade e nos fazem repensar sobre as várias experiências vividas que naquele momento estão refletidas no papel.

O próprio cotidiano, quando se torna tema de ficção, adquire outra relevância e condensa-se na situação-limite do tédio, da angustia e da náusea. Todavia, [...] as personagens atingem a uma validade universal que em nada diminui a sua concreção individual; a mercê desse fato liga-se na experiência estética, à contemplação, a intensa participação emocional. Assim, o leitor *contempla* e ao mesmo tempo *vive* as possibilidades humanas que a sua vida pessoal dificilmente lhe permite viver e contemplar. (ROSENFELD, 2009, p. 46)

De fato, a experiência proporcionada pela obra literária ruma, de certa forma, o que muitas vezes deixamos de prestar atenção. Viver esses momentos máximos, expressos nas obras literárias e vividos pelos personagens, transfigura-se como difícil percepção aos sentidos humanos, já que estamos integralmente envolvidos neles.

É precisamente a ficção que possibilita viver e contemplar tais possibilidades, graças ao modo de ser irreal de suas camadas profundas, graça aos quase-juízos que fingem referir-se a realidades sem realmente se referirem a seres reais; e graças ao modo de aparecer concreto e quase sensível deste mundo imaginário nas camadas exteriores. (ROSENFELD, 2009, p. 46)

Por fim, vemos que as possibilidades de viver e contemplar são um dos muitos encargos da ficção. Por isso, o próprio Rosenfeld (2009, p. 48) afirma que a grande obra de arte literária nos restitui a liberdade: “imenso reino do possível – que a vida real não nos concede. [...] lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição”.

2.1.1. Aldenora Novaes e a firmeza da sua escolha

Ao estudarmos as teorias que envolvem a personagem, vimos traços que destacavam a significância desse elemento narrativo tão importante para o enredo. Digamos que em ordem quantitativa a personagem ganhou espaço, tornando-se peça fundamental para a criação da ficção; mas, é na ordem qualitativa que chamamos atenção; pois a personagem feminina se tornou, com o passar do tempo, uma espécie de “autofalante”, onde todos os anseios e medos da mulher moderna eram expostos de uma forma mais clara.

Em “A escolha”, entendemos que o ponto culminante da narrativa, recai sobre a decisão que será tomada por Aldenora; por isso, ficamos impactados, sem reação, aflorando em nós apenas sentimentos: de raiva por Silibrino ter voltado, de pena, por Livino ser fraco e inseguro, e de aversão a Aldenora, pela sua insensatez e falta de amor próprio. Esse ponto de vista, diante dos acontecimentos narrados, só revela o quanto queríamos que as coisas acontecessem conforme acreditamos que seja bom e agradável. Vários “porquês” surgem; na verdade, Aldenora tinha tudo o que precisava; então o que lhe faltava? Não é possível responder de primeira, talvez Aldenora fosse uma representação da mulher submissa que padece e que omite as lesões do corpo e da alma, ou talvez seja a mulher doce que perdoa, acolhe e acredita numa segunda chance.

Possivelmente, ela seja um pouco das duas, o que nos faz chegar à conclusão de que Aldenora tinha tudo o que precisava, mas não tinha, lá no fundo, o que ela mais queria. A dureza da sua escolha não demonstra uma mulher fria, calculista, ao contrário, em toda a narrativa encontramos uma mulher presa em si mesma, enclausurada nas suas dúvidas e tomada por uma primeira decisão. A valer, todos sabiam do real desejo dela, do contrário, Livino não teria se preocupado tanto, Silibrino não teria investido nos galanteios, nem muito menos Aldenora teria se esquivado das perguntas feitas ou se escondido das próprias vontades, as quais assombravam os seus pensamentos.

A segunda escolha de Aldenora por Luís Silibrino e a morte de Livino Gonçalves faz com que vejamos as surpresas expressas pelo ser humano e o principal que é o seu íntimo. A ressonância exposta no fim do texto nos faz construir o fim da história, pensando em uma personagem que eventualmente possa ter sofrido com a ação final, mas que não se arrependeu com o último ato; pois a firmeza da sua escolha é comprovada no momento em que ela aponta o rifle para as costas de Livino, que metaforicamente representa a traição e não em direção a face de Luís, demonstrando a restituição do perdão. Muitas mulheres como Aldenora são vistas e recriadas a fim de mostrar o ser frágil, sem voz e sem autonomia que tomou as rédeas da situação, da sociedade e da sua própria vida.

3. “A ESCOLHA”: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

3.1. Considerações sobre o ensino literário na sala de aula

Quando falamos em ensino de literatura, vários questionamentos surgem. Na verdade, um dos pontos marcantes deste debate está focado na formação do leitor literário, o que tem se tornado escasso a cada dia. Tal problemática ultrapassa as paredes da sala de aula, formando uma perigosa linha tênue entre o ensino de língua e literatura.

Sendo assim, entendemos que tais especificações (língua/literatura) estão sendo trabalhadas separadamente em sala de aula. O que deveria ser complemento assume, na maioria das vezes, o papel de acessório; que nos faz perceber a atuação quase nula da literatura, funcionando apenas como base para estudos gramaticais, onde na verdade deveria ser vista, também, como parte importante do conhecimento linguístico e cultural do cidadão.

As próprias Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006), fundamentadas teoricamente em pressupostos que embasam a Estética da Recepção⁴, recomendam a centralidade das obras literárias enquanto objeto principal do ensino-aprendizagem nas aulas de literatura

Quando propomos a centralidade da obra literária, não estamos descartando a importância do contexto histórico-social e cultural em que ela foi produzida, particularidades de quem a produziu, mas apenas tomando – para o ensino da Literatura um caminho inverso: o estudo das condições de produção estaria subordinado à apreensão do discurso literário. Estamos, assim, privilegiando o contato direto com a obra, a experiência literária, [...]. (BRASIL, 2006, p.76-7)

Se pararmos para analisar o que as OCEM (2006) falam, entenderemos que a orientação está pautada principalmente na formação e na aprendizagem do aluno-leitor. Ou seja, quando se fala em centralidade da obra literária, se está falando sobre a oportunidade de que o aluno conheça o texto literário, que ele transite sobre o universo da imaginação, compreenda e faça inferências com o meio social, antes mesmo de aprender ou estudar qual época ou estilo literário a obra se encaixa.

Cosson (2014, p. 23), ao observar tais debates, comenta que “o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza”. Ou seja, àqueles que se prendem aos programas curriculares da história literária deve compreender que o ensino é mais que uma noção “conteudística” do conhecimento literário, é uma experiência de leitura a ser compartilhada.

Nesse caso é fundamental que se coloque como centro das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, e não as informações das disciplinas que ajudam

⁴ Gr, *aísthētikós*, suscetível de perceber-se pelos sentidos; de *aísthēsis*, sensação, percepção. **Estética da Recepção** – Al. *Rezeptionsaesthetik*. V. CRÍTICA. (MOISÉS, 2013, 168-169)

a constituir essas leituras, tais como a crítica, a teoria ou a história literária. [...], compreendendo que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar. Por fim, devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. (COSSON, 2014, p. 23)

Dessa maneira, deve-se entender que o questionamento não está “se a escola deve ou não escolarizar a literatura”, mas sim em como fazer essa escolarização sem adulterá-la, sem modificá-la em um espectro que nega o seu poder de humanização. Por esse motivo, observando esse prisma em questão, Cosson (2014, p. 30) exprime que “é justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo”, e continua:

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, [...] porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito da linguagem. (COSSON, 2014, p. 30)

Logo, entendemos que a escola tem o direito e o dever de se responsabilizar com o processo de leitura literária, e para que isso ocorra, basta uma simples análise e logo se perceberá que, com uma seleção de textos adequada ao espaço, ela se tornará fluida e satisfatória nas aulas de literatura.

Além do mais, o próprio autor relata que se fazem necessárias certas estratégias para tal ensino; ou seja, uma sistematização necessária para a concretização do uso do texto literário na sala de aula. Desta maneira, o estudioso apresenta duas estilos de sequências: uma básica e outra expandida. Segundo o autor, essas procuram sistematizar a abordagem do material literário em sala de aula.

Ao atentar para esses pontos, objetivamos elaborar uma sequência voltada para o nível médio, especificamente para o 3º ano. Seguindo os conselhos do autor, optamos por desenvolver uma intervenção didática baseada no modelo da sequência expandida, descrita por Cosson (2014, p. 75) como sendo a forma “de deixar mais evidente as articulações que propomos entre experiência, saber e educação”. A expandida é a soma de modificações da básica. Portanto, as alterações ocorreram na busca de atender a demanda dos professores de ensino médio; já que objetivamos fazer com que a leitura, feita em sala de aula, seja o ponto de partida para leituras mais complexas e que ultrapassem, também, o ambiente escolar.

3.2. Sequência Didática Expandida: A PROPOSTA

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

- Corpus de leitura: o conto “A escolha” de Ronaldo Correia de Brito.

TEMA: A narrativa curta como base para as aulas de literatura - O conto “A escolha”: um espelho da realidade.

Ano/série: 3º Ano Médio

Quantidade de aulas: 4h30min/a

Quantidade de encontros: 3 encontros de 2 aulas cada (45min/a)

Objetivo Geral:

- Incentivar a criticidade de leitores literários através da leitura do conto “A escolha”, de Ronaldo Correia de Brito.

Objetivos específicos:

- Ler e interpretar o texto escolhido;
- Apresentar o autor utilizado;
- Identificar as diferentes temáticas expostas no texto;
- Instigar o senso crítico dos alunos;
- Compreender a complexidade do texto literário;

- Reconhecer o gênero conto;
- Categorizar a estrutura do gênero;
- Analisar as personagens principais (posicionar a figura feminina na obra);
- Incitar o trabalho com a intertextualidade;
- Justificar a contemporaneidade expressa no texto.

Conteúdos:

- Leitura e interpretação do texto literário: o gênero Conto (Narrativa Curta) – “A escolha”.

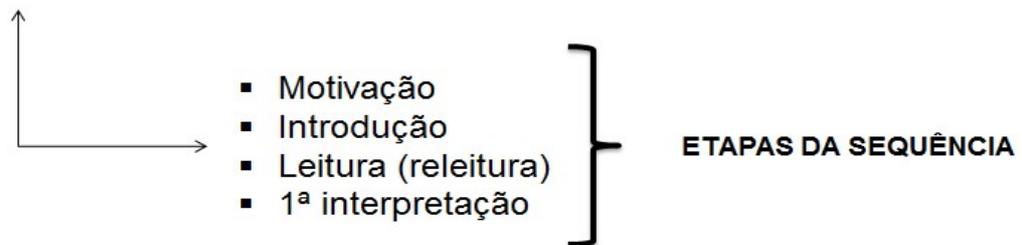
A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Seguido de conteúdo e metodologia

- **Módulo 1**
- **Tempo:** 1h30min/A

Objetivos específicos

- ✓ Promover uma leitura motivacional a partir da leitura da crônica “As escolhas de uma vida” de Martha Medeiros;
- ✓ Introduzir a autora, destacando suas características jornalísticas e literárias;
- ✓ Ler o conto a “Escolha” de Ronaldo Correia de Brito;
- ✓ Promover a interpretação do texto.



- 3.2.1. Módulo 1:** Leitura e interpretação da obra. Nesse instante, o professor deverá manter o foco nas informações centrais do texto. (Figura A)
- 3.2.2. Módulo 2:** Momento em que o professor deverá analisar a obra – expressão estética que representa a obra, elementos constitucionais da narrativa, atualidades presentes no texto, abordagem das principais temáticas –. (Figura B)
- 3.2.3. Módulo 3:** Etapa em que o professor deverá fazer com que o aluno se aprofunde em uma temática específica, a fim de fazê-lo ir além da leitura. Expansão: como proposta, realizar a intertextualidade entre os contos “A escolha”, de Ronaldo Correia de Brito, e “Trio em Lá Menor”, de Machado de Assis – observar temáticas e aspectos estruturais semelhantes nos textos –. (Figura C)

Figura A

Figura B

A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Seguido de conteúdo e metodologia

- > **Módulo 3**
- > **Tempo:** 1h30min/A

Objetivos específicos

- ✓ Promover uma leitura aprofundada do conto “A escolha” de Ronaldo Correia de Brito;
- ✓ Estabelecer levantamentos relevantes às temáticas existentes no texto;
- ✓ Efetivar a escrita de outros gêneros a partir da leitura;
- ✓ Engendrar uma socialização entre aluno e escola;
- ✓ Esboçar a intertextualidade entre textos.

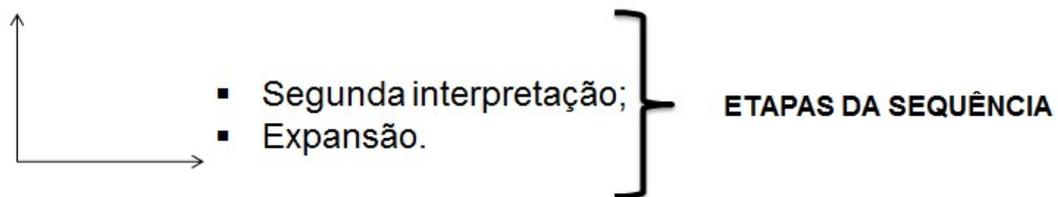


Figura C

A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

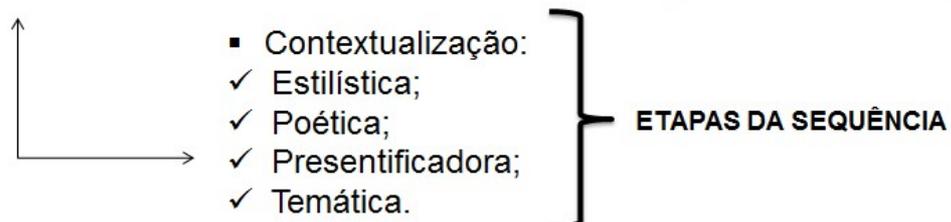
Seguido de conteúdo e metodologia

- > **Módulo 2**
- > **Tempo:** 1h30min/A

Objetivos específicos

- ✓ Promover uma contextualização do conto “A escolha” de Ronaldo Correia de Brito;
- ✓ Apresentar a estética contemporânea;
- ✓ Esboçar a intertextualidade entre os textos;
- ✓ Analisar os elementos constituintes da narrativa curta;
- ✓ Promover levantamentos relevantes às temáticas existentes no texto;
- ✓ Aguçar o senso crítico e discursivo do alunado.

Quando trabalhados em conjunto, tais objetivos nos levam a um trabalho eficiente da personagem.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da ocupação com o conto “A escolha”, de Ronaldo Correia de Brito, efetivamos a nossa pesquisa com o intuito de comprovarmos a eficiência do gênero conto na sala de aula, bem como o uso do próprio texto literário dentro das aulas de literatura. À vista disso, alertamos para a necessidade de os textos literários serem usados como ponto central nas aulas de literatura, já que objetivamos formar alunos-leitores críticos, capazes de ler, interpretar, compreender e discutir um texto literário.

Diante disso, esta pesquisa nos permitiu identificar uma das principais funções do leitor, caracterizando-o como elemento crucial para as aulas de literatura. Mostrando-nos que, único e exclusivamente, esse ser é capaz de preencher os vazios pensados, reposicionados pelo próprio autor; no cumprimento da verdadeira relação tríade: autor – texto – leitor. Logo, como derradeiras considerações, pode-se afirmar que “A escolha” é um ótimo exemplar para discussão teórica da literatura contemporânea, além de um protótipo ideal para a inicialização literária em sala de aula, já que a pesquisa nos esclarece que a formação de leitores se realiza no cotidiano escolar, e é através desse contato que privilegiamos o próprio texto.

Por fim, retomamos uma realidade e uma discussão já fixada no passado, a de que o ensino literário tem sido esquecido e sofrido alterações, sendo visto como uma especificidade menor da língua; todavia, mostramos que não só é possível repensarmos a didatização literária, como fazê-la prosperar, cunhando assim suas funções principais: ser espelho da realidade, reconhecer-se nas entrelinhas do texto, viajar no mundo da subjetividade, e fazer refletir concomitantemente com a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRAITH, Beth. [1948-]. **A personagem** / Beth Brait. – 8. ed. – São Paulo: Ática, 2006. 95p. – (Princípios; 3).

BRASIL, **Orientações curriculares para o ensino Médio**. Volume 01 Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/ Semtec, 2006.

BRITO, Ronaldo Correia de. [1950-] **Faca**. / Contos Ronaldo Correia de Brito; posfácio Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CANDIDO, Antônio (Org). **A Personagem do Romance**. In: *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva. 2009.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. - 2. ed., 3ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2006.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários** / Massaud Moisés. – 12ª. ed. Ver., ampl. E atual. - São Paulo: Cultrix, 2013.

ROSENFELD, Anatol. **Literatura e Personagem**. In: CANDIDO, Antônio (Org). *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva. 2009.